



## OS SINAIS MARANHENSES DA COMUNIDADE SURDA E AMBIENTE DIGITAL

*Maria Nilza Oliveira Quixaba<sup>1</sup>  
Lucila Maria Costi Santarosa<sup>2</sup>*

### Resumo

Neste trabalho apresentamos os resultados de um estudo realizado com a comunidade surda do estado do Maranhão. Investigamos os sinais maranhenses da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) utilizados por essas comunidades, para documentá-los, registrá-los e divulgá-los por meio de ambientes digitais. Tomamos como referencial as contribuições de Freire (1983); Vygotsky (1991, 1998a); Santarosa et al. (2007); Quixaba (2011); Basso (2012); Strobel (2008, 2013); Stumpf, Oliveira e Miranda (2014), entre outros. Realizamos uma pesquisa qualitativa e descritiva, cujos dados foram coletados da comunidade surda do Maranhão, com a contribuição de cinco colaboradores surdos. Percebemos que as tecnologias têm auxiliado na ampliação do repertório lexicográfico da língua de sinais e que outras iniciativas têm sido realizadas no País com a intenção de registrar os sinais das mais diversas áreas. No entanto, no Maranhão, até o momento, não temos notícias de registros de sinais específicos de uso dos surdos. Em função disso, julgamos relevante registrar os sinais articulados pela comunidade surda maranhense. Registramos e descrevemos 13 sinais da cultura popular e consideramos que, depois da coleta e divulgação dos dados, estes poderão auxiliar os surdos maranhenses em sua inserção nos espaços sociais, educacionais e culturais.

**Palavras-chave:** Ambiente Digital. Comunidade Surda Maranhense. Sinais.

<sup>1</sup> Mestre em Educação – UFMA. Doutoranda em Informática na Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS). Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão - DELER/UFMA. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Ensino e Tecnologias Simbólicas, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão, Coordenadora do Curso de LETRAS LIBRAS (UFSC- EAD) – Polo-UFMA.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1981). Professora / orientadora / pesquisadora da UFRGS, nos cursos de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU- e Pós-Graduação em Informática na Educação- PGIE-. Coordenadora e criadora do Núcleo de Pesquisa em Informática na Educação Especial - NIEE da UFRGS.

## MARANHENSES SIGNS FROM THE DEAF COMMUNITY AND DIGITAL ENVIRONMENT

### Abstract

We present the results of a study which was done with the deaf community in the state of Maranhão. We investigated the maranhenses signs of Brazilian Sign Language (Libras) used by these communities to document them, record them and disseminate them through digital environments. We take as reference the contributions of Freire (1983); Vygotsky (1991, 1998a); Santarosa et al. (2007); Quixaba (2011); Basso (2012); Strobel (2008, 2013); Stumpf, Oliveira and Miranda (2014), among others. We conducted a qualitative and descriptive research, and the data were collected from the deaf community in Maranhão, with the contribution of five deaf employees. We realized that technologies have aided in the expansion of lexicographical repertoire of sign language and other initiatives have been undertaken in the country with the intention of recording the signals from various fields. However, in Maranhão, so far, we have not heard of specific signs of usage records of the deaf. As a result, we deem relevant to record the signals articulated by the deaf community in Maranhão. We recorded and described 13 characters of popular culture and believe that after the collection and dissemination of data, these can assist deaf people from Maranhão in their integration in social, educational and cultural spaces.

Keywords: Digital Environment. Maranhense Deaf Community. Signs.

### Introdução

Pensar é voar sobre o que não se sabe.  
Não existe nada mais fatal para o pensamento  
que o ensino das respostas certas.  
As respostas nos permitem andar sobre a terra firme.  
Somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desco-  
nhecido.  
(Rubem Alves, 2000, p.78)

No exercício de pensar surgiu a necessidade de buscarmos respostas para as seguintes questões: Existem sinais específicos para atender determinadas necessidades linguísticas dos surdos maranhenses? Quais sinais são de domínio específico dessa comunidade? O conhecimento desses sinais pelos surdos pode ampliar a sua interação no ambiente socioeducacional? Como o ambiente digital pode

auxiliar no registro e na difusão desses sinais? Essas perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido, como bem disse Rubem Alves.

O estudo se constituiu a partir dessas indagações cujo objetivo se concentrou em investigar e registrar os sinais maranhenses da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS<sup>3</sup> nas comunidades surdas do Maranhão, visando à ampliação das possibilidades de uso e difusão dessa modalidade linguística por meio de ambientes digitais. O estudo foi motivado também pela nossa prática profissional com a comunidade surda<sup>4</sup> do Maranhão. Há vinte anos tivemos nosso primeiro contato com surdos<sup>5</sup>, em nosso trabalho educacional desenvolvido numa cidade do interior desse estado. Assim, em vista das necessidades de comunicação que se impuseram, começamos a pesquisar LIBRAS.

Consideramos relevante construir um repertório lexicográfico e disponibilizá-lo em ambiente digital, pelo fato de não existir nenhum registro nos espaços digitais nem impresso que disponibilize essas informações, as quais possam dar suporte ao processo de aprendizagem<sup>6</sup> dos sinais usados em situações específicas do cotidiano dos surdos do Maranhão. Como utilizamos suportes teóricos advindos de áreas de conhecimento diferentes, podemos dizer que se configura como uma pesquisa interdisciplinar<sup>7</sup>. De acordo com Stumpf, Oliveira e Miranda (2014, p. 145), “apesar de as novas tecnologias<sup>8</sup> favorecerem o desenvolvimento de repertórios lexicográficos, ainda são relativamente poucas as iniciativas de elaboração de repertórios para áreas de especialidade”.

<sup>3</sup> Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual - motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2013, p. 170).

<sup>4</sup> Por comunidade surda, entendemos aquela que não é composta somente por pessoas surdas; há também pessoas ouvintes, como: familiares de surdos, profissionais intérpretes e tradutores de línguas de sinais, educadores, amigos e outros. Os integrantes dessas comunidades compartilham interesses semelhantes e se localizam geograficamente em uma mesma região (STROBEL, 2013).

<sup>5</sup> Neste estudo, entendemos como surdos indivíduos que se aceitam como tal, utilizam como meio de interação comunicativa a língua de sinais e fazem parte de comunidades surdas.

<sup>6</sup> Para Vygotsky (1998a), a aprendizagem é um processo de apropriação que acontece na relação indivíduo com o meio, e é essa relação que impulsionará o desenvolvimento humano.

<sup>7</sup> Entendemos como interdisciplinaridade a necessidade de superação da visão fragmentada da construção de conhecimento, articulada às diversas partes que integram os conhecimentos científicos. A interdisciplinaridade, no universo científico, visa ao estabelecimento de sentido de unidade, nesse todo que compõe a diversidade humana. De acordo com Japiassu (1976, p. 52), “trata-se de um gigantesco, mas indispensável esforço que muitos pesquisadores realizam para superar o estatuto de fixidez das disciplinas e para fazê-las convergir pelo estabelecimento de elos e de pontes entre os problemas que elas colocam”.

<sup>8</sup> Denominam-se [...] novas tecnologias da informação e da comunicação as tecnologias de redes de informática, os dispositivos que interagem com elas e seus recursos. Televisões, rádios, reprodutores de vídeos, materiais impressos e outras tecnologias convencionais [...] (MARTINEZ, 2004, p. 96).

No Brasil, já existem registros de alguns trabalhos nessa área, quais sejam: o Glossário Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, “os trabalhos desenvolvidos pela FENEIS do Rio Grande do Sul com o Fórum de Estudos Surdos na Área de Informática – FESAI; o Projeto Glossário Científico em Língua Brasileira de Sinais<sup>9</sup>”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; “o Projeto Sinalizando a Física da Universidade Federal do Mato Grosso; o *blog* Terminologia da Política Brasileira em LIBRAS\Língua Portuguesa”; o *blog* *WebSurdo* com sinais da área de informática; o Guia FotoLibras; e o Glossário de Amamentação em Libras produzido pelas Secretarias de Saúde e Educação do Mato Grosso do Sul”. Podem ser contabilizados também os vocabulários registrados nos trabalhos acadêmicos de Amorim (2012), Faria-do-Nascimento (2009) e Marques (2008), (STUMPF; OLIVEIRA; MIRANDA, p 2014, p. 147).

Entendemos a LIBRAS como a língua de uso e expressão da comunidade surda brasileira e o meio linguístico que os surdos utilizam para comunicar seus sentimentos, desejos, expectativas e afetividade. Acreditando ser relevante a investigação e o registro dos sinais articulados pelos surdos maranhenses, optamos por relatar o trabalho desenvolvido.

Desse modo, apresentamos neste trabalho os resultados obtidos coletados na comunidade surda do município de São Luís do estado do Maranhão, restringindo-nos aos sinais por eles utilizados para representarem algumas atividades culturais locais. Contamos com a participação de cinco colaboradores surdos para contato com a comunidade da região e as tecnologias digitais<sup>10</sup>. Tomamos como referencial as contribuições de Freire (1983); Vygotsky (1991, 1998a); Santarosa et al.(2007); Quixaba (2011); Basso (2012); Strobel (2008, 2013); Stumpf, Oliveira e Miranda (2014), e outros. Realizamos uma pesquisa qualitativa e descritiva.

Importa registrar que, mesmo nos países onde já se desenvolvem pesquisas nas áreas de línguas de sinais, ainda existem poucas iniciativas de registros lexicográficos com sinais específicos de determinadas áreas. Em função dessa carência de registros de sinais e, fundamentalmente, de sinais específicos criados pela comunidade surda do Maranhão em ambientes digitais, acreditamos na possibilidade de minimizar as dificuldades de comunicação dos surdos. Hoje

<sup>9</sup> Idealizado e produzido pelo Instituto de Bioquímica Médica (STUMPF, OLIVEIRA, MIRANDA, 2014, p. 147).

<sup>10</sup> Coletamos dados por meio das tecnologias digitais: Facebook, WhatsApp, Sites e E-mails.

é possível o desenvolvimento e a socialização de iniciativas nesse âmbito, em função das possibilidades que a internet<sup>11</sup> nos apresenta.

Por outro lado, sabemos que o processo de inclusão na sociedade digital, ainda que de forma modesta, exige que os indivíduos não só detenham conhecimentos superficiais desse espaço tecnológico, mas também tenham domínio dos signos de sua linguagem ou de seus códigos (MILL; JORGE, 2013). Todavia, os surdos, na maioria das vezes, ficam excluídos desses espaços digitais pela impossibilidade de compreender a linguagem utilizada em grande parte das interfaces. Além disso, o tipo de linguagem usada nesses ambientes pode comprometer a qualidade da interação dos indivíduos surdos. De todo modo, é inegável a importância das novas tecnologias, por apresentarem um universo de conhecimentos que circulam em tempo real na sociedade, e os surdos, como sujeitos sociais, não devem ser impedidos de acessá-las.

Assim, essa iniciativa visa a estimular o uso e a difusão da língua de sinais, bem como dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem da língua de sinais no Estado e, possivelmente, se tornar um referencial de busca e pesquisa na área. Reiteramos que a necessidade de realizar esta pesquisa decorreu do fato de não encontrarmos registros que possam dar suporte ao ensino e à aprendizagem dos sinais de uso diário da comunidade do Maranhão. Logo, o desconhecimento desses sinais pode acarretar prejuízos na interação e na aprendizagem dos surdos na escola.

Portanto, acreditamos que, com uma pesquisa como esta, a qual consiste em oferecer um banco de dados com os sinais específicos da comunidade maranhense, disponibilizados em ambientes digitais, possamos atingir um maior número de pessoas e com isto facilitar o processo socioeducacional das pessoas surdas. Importa esclarecer que este estudo está dividido em: Introdução, O Ambiente Digital na Difusão da LIBRAS, A LIBRAS na Comunidade Maranhense, Percursos Metodológico, Sinais Maranhenses: resultados iniciais e Algumas Considerações.

## **O ambiente digital na difusão da LIBRAS**

Com o reconhecimento da 'diversidade humana' surge a necessidade de criação de 'espaços físicos e digitais adaptados às necessidades' dos indivíduos com necessidades educacionais especiais; essa busca visa 'reduzir a exclusão ao propiciar acessibilidade'. Existem re-

<sup>11</sup> É um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global (CASTELLS, p. 8, 2003).

gistros nas “investigações de pesquisadores (internacionais e nacionais)” e nos ‘documentos oficiais (nacionais e da União Européia)’ informações que ‘revelam a urgência de programar ações públicas para enfrentar os desafios da info-exclusão’ (SANTAROSA et al.,2007, p.2). Dentre os grupos de excluídos, focalizamos os surdos que, por muito tempo, ficaram invisíveis socialmente, sobretudo das ações públicas. A impossibilidade de ouvir a voz humana, de falar e de interagir acarretou mudanças no curso de vida dessas pessoas.

Vygotsky (1991, p.5) afirma que a “interação assume papel primordial no desenvolvimento humano” e a “função primordial da fala é a comunicação, o intercâmbio social”. No caso dos surdos, esse intercâmbio, essa interação ocorre por meio das línguas de sinais, ou seja, via sinalização. Esses sinalizantes criam os sinais dentro do seu círculo de relacionamento para atender suas necessidades comunicativas e equivalem à fala oralizada para os ouvintes. Nessa linha de raciocínio, compreendemos que a verdadeira comunicação requer significado, independentemente do veículo de expressão utilizado (fala ou mãos), e de captação de informação (ouvido ou olhos).

Para Paulo Freire (1983, p.44-45), “todo ato de pensar exige um sujeito que pensa um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo”, e a ‘comunicação’ entre eles ocorre ‘por meio de signos linguísticos’. Para Freire, educação é comunicação, é diálogo, desde que não seja entendida como processo de transferência de saberes. Na verdade, deve ser compreendida como um ‘encontro de interlocutores que buscam a significação dos significados’.

Os surdos, como sujeitos interlocutores, expressam-se por meio de signos linguísticos pertencentes ao universo da comunicação realizada via expressões motoras (corpo e expressões não manuais), e aqueles que não têm acesso a esta forma peculiar de se comunicar ficam excluídos desse movimento interacional. Na maioria das vezes, ao serem excluídos do processo comunicativo pela carência de espaços que promovam o contato com os sujeitos e as comunidades que usam sinais, sua interação fica prejudicada. Como diz Freire (1983, p.48), não havendo “possibilidade de uma relação comunicativa entre os sujeitos interlocutores não se estabelece a compreensão em torno da significação do signo” linguístico. “Ou signo tem o mesmo significado para os sujeitos que se comunicam, ou a comunicação se torna inviável entre ambos por falta de compreensão indispensável”.

Muitas vezes, porém, essa compreensão não é vivenciada pelos surdos, e de fatos sociais que são veiculados diariamente em diversas mídias, muitos deles não tomaram conhecimento e, possivelmente,

não tomarão se não tiverem acesso à linguagem, condição essencial no processo de aquisição de conhecimento.

Mas é pertinente reconhecermos que dezenas de iniciativas foram surgindo ao longo dos séculos, na intenção de oferecerem-se aos surdos condições de comunicabilidade, possibilidades que se ampliaram com o surgimento das novas tecnologias, em especial dos ambientes digitais. Com isto, novos horizontes se abrem para os surdos no que se refere ao acesso às línguas de sinais, principalmente os sinais de uso comum do seu dia a dia, sem os quais sua comunicação fica comprometida.

Ademais, há que considerarmos que “muito se tem discutido sobre a importância que a informação vem assumindo em nossa sociedade. Investigam-se formas de armazenamento, transmissão, acesso, formatação” e outras questões fundamentais relevância relacionadas à informação e à comunicação (BASSO, 2012, p. 208).

Como sabemos, a informação tem sido veiculada de diversas formas, por meio de textos, de imagens e de vídeos, e com a evolução acelerada dessas tecnologias, esses recursos podem ser apresentados tridimensionalmente, com movimento ou sem movimento, o que tornou possível a divulgação dos sinais da LIBRAS em ambientes digitais. Esses ambientes têm sido usados para atender às mais diferentes necessidades sociais, de modo que a educação recorre a esses espaços pela fluidez e a riqueza das ferramentas interligadas a ele, podendo-se ler um texto, ver um filme, ouvir uma música, interagir com outros indivíduos, em tempo real. Mas, para isso, é necessário recorrer à rede das redes, a internet, uma vez que ambientes digitais de aprendizagem são

sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permite integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções, tendo em vista atingindo determinados objetivos (ALMEIDA, 2003, p. 3).

Portanto, acreditamos que os ambientes digitais podem auxiliar no uso e na difusão da LIBRAS, pelos recursos que eles apresentam e pelas características específicas que as línguas de sinais evidenciam. E considerando que os vídeos veiculados em língua de sinais pela internet têm chegado a diferentes países, isso permitiu aos surdos estabelecerem comunicação com diferentes comunidades surdas, conhecerem e trocarem informações apesar das diferenças linguísticas.

É oportuno lembrar que os surdos, por muitos séculos, foram impossibilitados de se comunicar em língua de sinais, o que provocou significativo atraso no desenvolvimento de aprendizagens, decorrente das suas dificuldades comunicacionais. Essa exclusão impossibilitou que os alunos surdos interagissem com outros sujeitos sociais, condição que os coloca em situação de desvantagem em relação às demais pessoas, podendo contribuir para seu isolamento e para o aparecimento de problemas emocionais e outros.

Pensamos que, mediante esse cenário de exclusão comunicativa exposto, a construção de uma arquitetura com um *corpus* de sinais próprios do Maranhão minimizaria suas dificuldades de acesso aos sinais de uso específico da comunidade maranhense. Acreditamos que a internet oferece estas possibilidades de trocas, por ser ela uma ferramenta de conexão que liga todos os países do planeta. As pessoas surdas, ou não, a cada dia estão se apropriando mais dessas ferramentas para as mais diversas funções: desde o acesso a conteúdos acadêmicos a redes sociais, *blogs* e outros. E como o primeiro passo para aquisição de conhecimento é ter acesso a uma língua para se comunicar, consideramos ser relevante a identificação e categorização dos sinais de LIBRAS da comunidade maranhense, para, posteriormente, disponibilizá-los em ambientes digitais acessíveis, na intenção de contribuir para a inclusão dos surdos nos espaços sociais, fundamentalmente educacionais, por entendermos que o desconhecimento desses sinais pode acarretar prejuízos na sua interação social e por considerarmos a interação, conforme Vygotsky (1991), condição primordial do desenvolvimento humano.

## A LIBRAS na comunidade maranhense

Desde a década de 1960, a língua de sinais vem sendo notada no Maranhão, em diferentes espaços sociais, sobretudo nas igrejas evangélicas e nas instituições escolares, como possibilidade de comunicabilidade de pessoas com dificuldades auditivas. Têm-se relatos de que a igreja Getsêmani, em meados de 1985, tenha sido uma das precursoras da divulgação da língua de sinais no Maranhão por meio das atividades desenvolvidas no seu âmbito. Inferimos que, provavelmente, por essa razão, a maioria dos intérpretes que atuam em São Luís, na educação, sejam evangélicos.

Na mesma década, o retorno de alguns surdos maranhenses do Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES, do Rio de Janeiro, impulsionou o uso de sinais na comunicação entre os surdos que pertenciam a esse grupo, numa época em que a comunicação oralizada mantinha seu prestígio nos espaços sociais.



Em 12 de janeiro de 1979, a Associação dos Surdos do Maranhão/ASMA foi fundada, marcando fortemente o desejo dos surdos de se organizarem para lutarem pelos seus interesses e se consolidarem como comunidade presidida por surdos. A Figura 1 evidencia o símbolo da ASMA, e no centro da logomarca a letra M representa o sinal da Associação.

Figura 1 – Símbolo da Associação dos Surdos do Maranhão



Fonte: <http://asma1979.blogspot.com.br/>

A letra M faz alusão ao sinal de Maranhão, demonstrando que naquela época já havia evidências do interesse de publicizar os sinais do convívio deles. Na atualidade, a ASMA oferece cursos de LIBRAS, promove eventos para discussões de temáticas de interesses da comunidade, lazer e outros. Em 3 de março de 1989, foi criada a Associação dos Deficientes Auditivos de Imperatriz (ADAI)<sup>12</sup> que, posteriormente, passou a se chamar Associação dos surdos de Imperatriz (ASSIM). Hoje esta Associação ainda desenvolve suas atividades, mas os surdos têm se dividido e se organizado também em outros espaços. Com isso os surdos de Imperatriz passam a ter mais de um espaço de referência surda.

Strobel, na sua tese de doutorado em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, de 2008, intitulada "Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História", nos adverte, afirmando que "os sujeitos surdos existem em todos os tempos, o nosso estilo de compartilhar os interesses semelhantes e a língua de sinais é tão antigo quando o mundo" (STROBEL, p.13,2008). Strobel vai muito mais além, quando diz: estes sujeitos surdos "deixam traços abundantes, marcas diferentes, mas dispersas, pois muitas ocorrências nem foram tomadas como objeto a serem representadas em história" (STROBEL, p.13,2008).

Concordamos com Strobel quando afirma que por muito tempo os surdos permaneceram invisíveis aos olhos dos pesquisadores.

<sup>12</sup> <http://associacaodossurdosdeimperatriz.blogspot.com.br/>

Mas, apesar de poucos registros de estudos científicos em alguns períodos da história, contamos com significativos estudos, os quais nos fazem remontar e tentar compreender melhor a história dos surdos e das línguas de sinais em diferentes épocas e contextos. A partir de 1990, as pesquisas nessa área começaram a tomar maior impulso e hoje contamos com um expressivo número delas, embora ainda faltem muitos aspectos a serem explorados.

Outro marco importante merece ser registrado no Maranhão: a criação de várias salas de classe especial para surdos, com a fundação da Escola de Ensino Fundamental e Médio Governador Edison Lobão, conhecida como CEGEL<sup>13</sup>. Por muito tempo essa escola representou o maior ponto de referência dos surdos do Maranhão e de surdos de outros estados. O CEGEL era ponto de parada obrigatória para os surdos; lá eles participavam das atividades escolares, culturais e outras. Mesmo aqueles surdos que não estudavam lá, iam àquela escola só para ‘bater papo’ (expressão utilizada por alguns professores). Às vezes concordávamos que isso incomodava, porque chegavam até a atrapalhar as aulas. Porém, com o tempo tudo ficou bem porque percebemos, em tempo, a importância dessa interação e das trocas linguísticas que ali ocorriam. Hoje percebemos como foram importantes aqueles momentos.

Ainda em 1995, foi criado em São Luís o Coral Encantando com as Mãos, advindo dos movimentos nacionais da época. Este coral teve grande significado na popularização da língua de sinais, pela característica cênica das apresentações musicais sinalizadas. Como o nome já diz, encantou muita gente e auxiliou no processo de inclusão sociocultural dos seus integrantes. Em 2002, esse grupo passou a desenvolver, além de músicas sinalizadas, peças teatrais sinalizadas com temas da cultura local. Ainda hoje o Coral é requisitado, mas não tem mais a mesma representatividade de antes. Outros mecanismos de difusão da língua de sinais foram surgindo com as novas tecnologias.

Em 1997, a Secretaria de Estado da Educação do Maranhão/SE-EDUC, em parceria com o Ministério da Educação/MEC e o governo cubano, ofereceu diversos cursos ministrados por cubanos na área de educação especial e entre eles foi oferecido um curso na área de deficiência auditiva, dividido em três módulos de 40 horas, totalizando 120 horas. O curso seguia a abordagem clínica terapêutica, ou

---

<sup>13</sup> O sinal do CEGEL é igual ao sinal de cão, mão aberta, com os dedos em forma de garras tocando em volta da boca, com leve movimento.

seja, o oralismo tinha centralidade, o que desagradou os professores, tanto da capital, São Luís, quanto do interior do Estado.

Esse descontentamento se deu porque os professores cursistas já tinham contato com a língua de sinais, e um curso, com base oralista, representava retrocesso, mediante as práticas que já vinham sendo realizadas nas escolas, principalmente de São Luís, Imperatriz e Açailândia (municípios que tinham um número mais expressivo de surdos nas escolas e profissionais com trabalhos mais consolidados).

O curso LIBRAS em Contexto, para Instrutores Surdos, oferecido pela SEEDUC, em 2001, contribuiu para ampliar a visão de mundo dos surdos maranhenses. Daí em diante, eles passaram a ter como referência nacional o INES e a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos/FENEIS, ambos do Rio de Janeiro, visto que alguns desconheciam as iniciativas nacionais em favor da língua de sinais. Muitos perceberam como poderiam ir muito mais além do que haviam imaginado; ficaram motivados com a presença do instrutor do curso, que era surdo, identificaram-se com o que foi ensinado e a partir de então multiplicou-se o número de instrutores surdos nos cursos de LIBRAS.

Entre 2002 e 2005, a SEEDUC chegou a contratar até 40 (quarenta instrutores surdos para atuarem na educação básica). Também em 2002, realizou-se outra iniciativa ainda do MEC em conjunto com a SEEDUC: o Curso de Formação de Professores para a área de Deficiência Auditiva. Entretanto, “apesar de o curso ter tido uma carga horária de 100 horas e conter no programa curricular conteúdos sobre a Língua de Sinais Brasileira, pouco se viu a esse respeito. O curso destinava-se a professores da rede regular de ensino, tanto de classes especiais como de salas comuns” (QUIXABA, p. 2013).

Assim, embora o curso não tenha possibilitado que nos aprofundássemos em língua de sinais, foi em 2002 que o ensino de língua de sinais ganhou mais prestígio com seu reconhecimento oficial por meio da Lei nº 10.436/02 (conhecida como lei da LIBRAS). E com sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/05, a LIBRAS passou a se tornar conteúdo obrigatório na escola. Todavia, essa obrigatoriedade tem ficado bem mais em nível de discurso; ainda não conseguimos implantar a língua de sinais no currículo da educação básica das redes públicas de ensino, sonho da comunidade, como também ainda não conseguimos implantar em São Luís uma escola bilíngue, própria para surdo, diferente dos modelos bilíngues que se têm propagado hoje.

A partir da lei da LIBRAS, as ações em favor do uso, ensino e da difusão dessa língua se intensificou, tanto nas redes municipal e estadual quanto na privada. Em 15 de julho de 2003, sob Decreto governamental nº 20.348, foi fundado o Centro de Ensino e de Apoio à Pessoa com Surdez Profª Maria da Glória Costa Arcangeli/CAS.

O CAS é fruto da parceria do MEC com a SEEDUC/SUEESP<sup>14</sup>. De acordo com o *site*<sup>15</sup> do CAS, os seus objetivos são: Promover a política de educação inclusiva e valorizar a diversidade linguística dos alunos surdos no Maranhão; Difundir a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; Promover formação continuada para professores de classes bilíngues, regulares, de AEE, instrutores, gestores e supervisores das escolas inclusivas; Orientar quanto à preparação e inserção no mercado de trabalho; Incentivar as expressões artístico-culturais; Capacitar professores intérpretes e instrutores de LIBRAS.

Não podemos negar a relevância social deste Centro, pois, ao longo dos anos, já auxiliou na formação inicial de dezenas de profissionais, familiares de surdos, surdos, professores de LIBRAS e intérpretes de LIBRAS. Na Figura 2 apresentamos o sinal do CAS Maranhão<sup>16</sup>.

Figura 2 - Sinal do CAS Maranhão



Fonte: <http://casmaranhao.blogspot.com.br/>

De 2004 a 2007, a SUEESP e a Universidade Estadual do Maranhão/UEMA realizaram parceria para formar em nível superior (curso de Pedagogia) profissionais da Educação Especial, que atuavam com os alunos surdos, cegos, com deficiência intelectual, autismo e outros, na educação básica. Nessa parceria foram beneficiados sete intérpretes e quatro surdos.

Com a formação desses profissionais, o uso da língua de sinais passou a ser mais percebida e reconhecida no ambiente acadêmico,

<sup>14</sup> Supervisão de Educação Especial, departamento gestor da Educação Especial na Estrutura da SEEDUC.

<sup>15</sup> <http://casmaranhao.blogspot.com.br/>

<sup>16</sup> O sinal é articulado em frente ao sinalizador: mão esquerda configurada em C, e mão direita configurada na forma do sinal de teto. Os dedos indicador, médio, anular e polegar tocam-se nas pontas, tanto os da mão direita quanto os da mão esquerda, simultaneamente, sem movimento.

estimulando outros surdos a se interessarem por uma formação mais aprofundada. Ainda há um percentual muito pequeno de surdos com ensino superior, contudo, já existe um quantitativo que pode atuar neste nível de ensino e na educação básica como professores de LIBRAS. O grande problema é que os poucos surdos com formação superior e com pós-graduação em LIBRAS, aptos a assumirem essas vagas, não têm conseguido aprovação nos concursos, por diferentes motivos, entre eles: falta de adequação linguística nas provas dos concursos; ausência de parâmetros específicos para a correção das provas; desconhecimento do potencial produtivo deles por parte do poder público, ao criar poucas vagas; e a falta de aprofundamento nas matérias áreas do concurso em virtude do comprometimento na sua formação e em decorrência da falta de acesso à linguagem.

Em São Luís, a Lei nº 4.337, de 31 de março de 2004, instituiu o Dia Municipal dos Surdos. Esta data representa o momento de luta e reflexão da comunidade sobre aspectos que dizem respeito ao direito à educação, escola bilíngue, às condições de trabalho e outros. Em 2006, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial/SESI estabeleceu parceria com a SEEDUC/SUEESP, oferecendo cinco vagas para alunos surdos do ensino fundamental cursarem o ensino médio articulado; o SESI oferecia as bolsas de estudo e o material didático, e a SUEESP disponibilizava um instrutor e 2 dois intérpretes de LIBRAS.

Com a presença dos alunos surdos e do instrutor de LIBRAS surdo no SESI, foi inserida a disciplina LIBRAS em seu programa curricular. Com essa iniciativa, o SESI entra para a história como a primeira instituição a implantar a disciplina LIBRAS em seu currículo. Em 11 de janeiro de 2007, o Governo do Estado do Maranhão, por meio da Lei nº 8.564, estabeleceu norma de uso e difusão de LIBRAS para o acesso das pessoas surdas ou com deficiência auditiva à educação no Sistema Estadual de Ensino no Maranhão.

No mesmo ano, em 24 de fevereiro, foi fundada na cidade de Paço do Lumiar, a 27 Km de São Luís, a Associação dos Surdos da Ilha de São Luís/ASISL. Nesta Associação são desenvolvidas várias atividades desportivas, campeonatos, de lazer. entre outras, as quais fortalecem as trocas linguísticas e consolidam a cultura desta comunidade. A Associação desacelerou um pouco suas atividades após o falecimento de um dos seus membros surdo fundador<sup>17</sup>. A Figura 3 mostra o símbolo da ASISL<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> Telasco Pereira Filho faleceu em 08 de julho de 2011.

<sup>18</sup> O sinal da ASISL é articulado com a mão esquerda configurada em A, tocando o polegar na palma da mão esquerda, configurada aberta com as pontas dos dedos para cima, sem movimento.

Figura 3 – Símbolo da Associação dos Surdos da Ilha de São Luís



Fonte: <http://asislasisl.blogspot.com.br/>

Em 2008, os tradutores intérpretes de LIBRAS, na tentativa de se organizarem com categoria, fundaram a Associação dos Profissionais Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Maranhão/APILMA, chegaram a realizar vários encontros, mas, infelizmente, em meados de 2011 ela paralisou suas atividades. O sinal da PILMA<sup>19</sup> pode ser visto na Figura 4.

Figura 4 – Sinal da APILMA



Fonte: <http://asislsurdos.blogspot.com.br/>

De acordo com o *site*<sup>20</sup> oficial da Prefeitura Municipal de Imperatriz, em 2012, a Lei Ordinária nº 1.453 criou no âmbito do sistema municipal de ensino a Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Profº Telasco Pereira Filho. Segundo o mesmo *site*, naquela data, esta escola era a 7ª do País e a 1ª do Maranhão. Hoje a Prefeitura de São Luís já tem o Projeto de Lei nº 106/2013, protocolado no dia 09 de maio, Processo nº 1.997/2013, mas até o momento a Escola Bilíngue de Imperatriz ainda é a única do estado do Maranhão. Na Figura 5 pode ser visualizada a imagem da fachada dessa Escola.

<sup>19</sup> O Sinal da APILMA é articulado mão esquerda configurada em M, tocando os dedos do lado da palma, na palma da mão direita, configurada, aberta com as pontas dos dedos para cima, sem movimento.

<sup>20</sup> <http://www.imperatriz.ma.gov.br/noticia/1673/tcYbuCQDqx8>

Figura 5 – Imagem da fachada da Escola Bilíngue



Fonte: <http://escolasbilingueparasurdodobrasil.blogspot.com.br/>

Observamos que as Secretarias de Educação, tanto municipal quanto estadual, têm oferecido vários cursos de formação em parceria com o MEC, algumas vezes em conjunto com a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (Apada/DF). Tais iniciativas foram significativas para a consolidação da LIBRAS. Em 2014, após reivindicação da comunidade surda e esforço da Universidade Federal do Maranhão em trazer para São Luís um polo do Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, felizmente, isto tornou-se realidade. Acreditamos que assim como o curso de instrutores de LIBRAS para surdos, realizado em 2001 pela SUEESP/MEC/FENEIS, o qual mudou a trajetória histórica dos surdos e da comunidade surda maranhense, o Letras Libras, certamente, também o fará.

Para ingresso nos cursos de licenciatura e bacharelado de Letras – em Língua Brasileira de Sinais, na modalidade a distância, foram inscritos para o processo seletivo 82 surdos: 79 para a licenciatura e 03 para o bacharelado; 296 ouvintes: 150 para licenciatura e 146 para o bacharelado, totalizando 378 candidatos. Porém a UFSC só disponibilizou 30 vagas para cada curso. As aulas se iniciaram em 31/05/2014. Já o curso de Licenciatura de Letras – em Língua Brasileira de Sinais, presencial, do Departamento de Letras/DELER da UFMA, está previsto para iniciar em 2015.1 e será mais uma ação permanente que favorecerá a formação mais aprofundada na língua de sinais. Dessa forma, constatamos que, ao longo da trajetória da LIBRAS no Maranhão, muitas ações foram realizadas para que esta língua ocupe o espaço devido na dinâmica social do estado, mas, para tanto, muitas iniciativas precisam ser empreendidas.

Convém destacar ainda que, ao longo dos anos, muitos sinais específicos foram criados para nomear situações, objetos e locais, dando possibilidade de interação comunicativa, como, por exemplo:

sinal de ASMA, CAS, UFMA, SEMED, REVIVER, ESCOLAS, PRAIAS, MUNICÍPIOS, COMIDAS TÍPICAS, DANÇAS POPULARES e outros tantos. Estes sinais específicos do convívio dos surdos foram criados para atender suas necessidades de comunicação, de modo que a criação, existência e manutenção desses sinais, se registrados em tecnologias virtuais, podem acelerar a aprendizagem, evidenciando a dinamicidade da língua e a versatilidade de seus usuários. Em função desta dinamicidade e desta versatilidade se tem percebido frequentemente o uso de ambientes digitais no suporte a sua aprendizagem.

## **Percurso Metodológico**

Esta pesquisa de base qualitativa e descritiva desenvolveu-se no estado do Maranhão, que congrega um número significativo de pessoas surdas que utilizam a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS para se comunicarem. Tem como sujeitos 5 (cinco) surdos do sexo masculino, com faixa etária entre 18 a 30 anos, residentes nesse estado, nas cidades de: São Luís, Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar, os quais mantêm contato frequente com outros surdos. Os dados foram coletados por meio de vídeo, imagens e fotos via *facebook*, *wattsAp* e *e-mails*. Os sinais foram analisados, considerando a repetição deles nas imagens enviadas. Após análise, constatamos que foram desenhados por um único surdo já falecido que foi membro assíduo dessa comunidade. Tal constatação se deu após análise criteriosa das imagens coletadas, pelo número de repetição das imagens e traços que nelas continham comparados a outros já existentes.

## **Sinais maranhenses: resultados iniciais**

Foram coletados 13 sinais para referenciar a cultura popular maranhense. Estes sinais, apresentados na sequência, representam o Baião de Dois, Beiju, Bobó, Bumba meu boi, Cuscuz, Cuxá, a Quadri-lha, Torta de Caranguejo, Torta de Camarão, Torta de Sururu, o Vata-pá, Maranhão e São Luís. Seguem as figuras dos sinais:

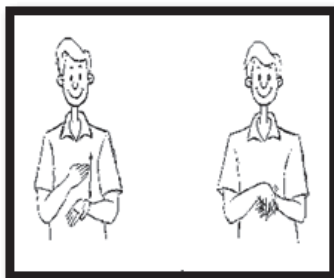




21



22



23



24



25

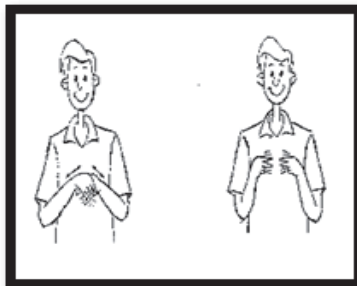


26

- <sup>21</sup> **Baião de Dois:** configuração da mão esquerda em B e a direita configurada em nº 2 (quantidade), a palma da mão em 2 passando na palma da mão configurada em B com movimento retilíneo da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.
- <sup>22</sup> **Beiju:** mão direita e esquerda configurada em N como palma para dentro com os dedos na posição horizontal, movimento circular simultâneo, uma mão passando pela outra.
- <sup>23</sup> **Bobó:** são dois sinais, o primeiro: mão esquerda configurada aberta com palma para cima dedos na posição horizontal e mão direita aberta com polegar para dentro com dedos estendidos na horizontal tocando duas vezes na palma da mão esquerda e o segundo sinal: verde (mão esquerda aberta palma para baixo e mão direita em V, passando duas vezes em cima do dorso da mão direita).
- <sup>24</sup> **Bumba meu boi:** mão esquerda e direita configurada em Y tocando os polegares simultaneamente no canto da testa com leve movimento das mãos para cima e para baixo.
- <sup>25</sup> **Cuscuz:** mão esquerda configurada em C com as pontas dos dedos posicionadas horizontalmente e a mão direita fechada com todos os dedos unidos, com leve movimento da mão esquerda para cima e para baixo.
- <sup>26</sup> **Festa Junina/Quadrilha:** mão esquerda e direita configurada em U com palmas para baixo, passando uma na outra, duas vezes mais movimento de dançar com uma das mãos tocando do lado do dorso na cintura.



27



28



29



30

- <sup>27</sup> **Cuxá:** são dois sinais, o primeiro: mão esquerda e direita configurada com todos os dedos unidos nas pontas, na posição horizontal, abrindo e fechando os dedos e as mãos afastando-se simultaneamente, em direção oposta, e o segundo sinal: abre-se a mão esquerda com palma para cima dedos na horizontal e a esquerda configurada em B batendo duas vezes na palma da mão direita com o movimento e posição da mão igual bater carne.
- <sup>28</sup> **Torta de Caranguejo:** são necessários dois sinais, o sinal de torta (mão direita e mão esquerda aberta com palma para baixo uma sobrepondo à outra formando camadas), e na sequência o sinal de caranguejo (mão direita e esquerda em forma de pinça, movimentando, simultaneamente, os dedos indicador e médio, abrindo e fechando simulando o movimento do caranguejo).
- <sup>29</sup> **Torta de Camarão:** são necessários dois sinais: o sinal de torta (mão direita e mão esquerda aberta com palma para baixo uma sobrepondo à outra, formando camadas), e na sequência o sinal de camarão (mão configurada em X palma para baixo a ponta de um dos dedos indicador, riscando duas vezes a ponta do outro dedo indicador).
- <sup>30</sup> **Torta de Sururu:** são executados três sinais: o sinal de torta (mão direita e mão esquerda aberta com palma para baixo uma sobrepondo à outra, formando camadas), e na sequência o sinal de sururu, o sinal de sururu é composto por dois sinais, formado inicialmente pelo sinal: mão esquerda e direita aberta com os dedos entrelaçados horizontalmente, e na sequência os dois polegares se afastam, separando dos demais dedos simultaneamente das duas mãos, em seguida executa-se o sinal de amarelo (mão configurada em D com movimento vertical, partindo do centro da testa para o queixo).



31



32



33

Como podemos perceber, estes sinais foram criados para nomear alimentos, danças e locais criados pela comunidade surda maranhense para atender suas necessidades linguísticas de comunicabilidade. Sendo as línguas de sinais naturais, e a LIBRAS imersas nesse universo, os sinais maranhenses surgem para atender às necessidades naturais desses surdos. Os sinais foram criados no âmbito da interação entre seus pares, naturalmente, para nomear objetos, situações, locais e sentimentos que permeiam o universo social, econômico, cultural e educacional dessas pessoas surdas. Além desses, outros mais foram criados dentro da comunidade surda com aquiescência dos surdos adultos com maior vivência e respeitados pelos seus integrantes.

### Algumas considerações

Constatamos com este estudo que existem sinais específicos utilizados pela comunidade surda; alguns se assemelham com os articulados em outros estados, mas foram criados à medida que sur-

<sup>31</sup> **Vatapá:** mão esquerda aberta para o lado na frente do sinalizador com pontas dos dedos para cima e a mão direita configurada em V, a mão direita em V passa do lado do dedo indicador duas vezes para cima e para baixo na palma da mão esquerda verticalmente.

<sup>32</sup> **São Luís:** mão esquerda configurada em S abrindo em L da direita para a esquerda.

<sup>33</sup> **Maranhão:** mão configurada em M com movimento horizontal balançando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita na frente do sinalizador.

giam suas necessidades comunicativas. Além dos relativos à cultura popular, existem os de instituições educacionais, lugares de lazer e outros articulados para nomear situações do convívio na escola e em outras situações que ainda não existam registros desses sinais nos dicionários, glossários ou outros meios. Acreditamos que o conhecimento desses sinais pelos surdos pode ampliar a sua interação no ambiente socioeducacional e ainda que o ambiente digital pode auxiliar no registro e na difusão desses sinais.

Entendemos que investigar e registrar os sinais usados pela comunidade surda em ambientes digitais é de fundamental importância, tanto para os surdos que estão na escola, em diferentes níveis, quanto para professores, tradutores/intérpretes de língua de sinais, familiares e interessados em aprendê-la.

Esse registro vem sendo reclamado pelos surdos e pelos intérpretes de língua de sinais, por representar a possibilidade de favorecer o uso e a difusão de saberes que podem contribuir para o acesso aos conteúdos acadêmicos. Assim, ao identificarmos, documentarmos e registrarmos os sinais maranhenses, estaremos contribuindo não só para o ensino da língua de sinais brasileira, mas também favorecendo à comunidade surda o acesso à informação.

Compreendemos que, além desses, existe um número expressivo de sinais articulados pelos surdos sem os quais fica comprometida a sua interação. Julgamos que é possível aprender a língua de sinais brasileira, utilizando ambientes virtuais e que se esses sinais estiverem registrados em uma mídia digital, em um *site* com interface acessível, possivelmente ficarão minimizadas as dificuldades dos surdos em relação ao acesso aos conteúdos acadêmicos necessários, auxiliando-os no estabelecimento da comunicação com a comunidade da qual fazem parte.

## Referências

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papyrus, 2000.

BRASIL. **Legislação Brasileira sobre Pessoas com Deficiência**. 7. Ed. Brasília. Câmara dos Deputados, edições Câmara, 2013.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem**. Educ. Pesqui. vol.29 no.2 São Paulo July/Dec. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000200010&script=sci_arttext). Acesso em 28 jul 2014.

BASSO, Lourenço de Oliveira. **Ferramenta Acessível para Produção Multimídia**: estudo e avaliação com usuários com necessidades especiais. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, PGIE/UFRGS, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 8ª ed. Paz e Terra. 1983. (Coleção: O Mundo Hoje) v. 24.

IMPERATRIZ. **Associação dos Surdos de Imperatriz**. Disponível em: <http://associacaodossurdosdeimperatriz.blogspot.com.br/>

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MARTINEZ, Jorge H. Gutiérrez. Novas Tecnologias e o Desafio da Educação. In: TEDESCO, Carlos Juan (Org.). **Educação e Novas Tecnologias**. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de La Educacion; Brasília: UNESCO, 2004. p. 95-108.

MILL, Daniel; JORGE, Gláucia. Sociedade Grafocêntricas Digitais e Educação: sobre letramento, cognição e processos de inclusão na contemporaneidade. In: MILL, Daniel (Org.). **Escritos sobre Educação**: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes. São Paulo. Paulus, 2013 (Coleção Pedagogia e Educação).

QUIXABA, Maria Nilza Oliveira. **O Ensino da Língua de Sinais Brasileira como Possibilidade de Inclusão Sócio-Político-Cultural das Pessoas Surdas no Sistema Público Estadual de Ensino de São Luís – MA.**, 2011. Disponível em: <http://www.Linguagemidentidades.Ufma.Br/Publicacoes2.Php> Acesso em: 20 set 2014.

SÃO LUÍS. **Centro de Ensino e de Apoio à Pessoa com Surdez Profª Maria da Glória Costa Arcangeli/CAS**. Disponível em: <http://casmaranhao.blogspot.com.br/> Acesso em 20 set 2014.

\_\_\_\_\_. **Associação dos Surdos do Maranhão**. Disponível em: <http://asma1979.blogspot.com.br/> Acesso em 20 set 2014.

\_\_\_\_\_. **Associação dos Surdos da Ilha de São Luís**. Disponível em: <http://asislasisl.blogspot.com.br/> Acesso em 20 set 2014.

SANTAROSA, Lucila Maria Costi et al. **Formação de Professores**: referenciais na construção da acessibilidade para ambientes virtuais de educação a distância. Revistas Eletrônicas/Educação. Porto

Alegre/RS, ano XXX,n.3 (63), p. 531-545, set./dez.2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2748/2095>. Acessado em 08 jul 2014.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. 3. ed.rev.- Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

\_\_\_\_\_. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

STUMPF, Marianne Rossi; OLIVEIRA, Janine Soares de; MIRANDA, Ramon Dutra. **O Glossário Letras-Libras como instrumento para estudo de unidades terminológicas em Libras**. In: STUMPF, Marianne; QUADROS, Ronice Müller de; LEITE, Tarcício de Arantes (Orgs.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. Série Estudos de Língua de Sinais. V. II. Florianópolis: Insular, 2014, p.145-164.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **Formação Social da Mente**. 3. ed. São Paulo. Martins Fontes,1998a.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo. Martins Fontes,1991.